

PLANEJAMENTO CULTURAL E ESTÉTICO DA PAISAGEM URBANA COSTEIRA
CULTURAL AND AESTHETICAL PLANNING OF THE COASTAL URBAN LANDSCAPE
PLANIFICACIÓN CULTURAL Y ESTÉTICA DEL PAISAJE URBANO COSTERO

Gustavo Maciel Gonçalves
gustavomaciolg@gmail.com

Ana Paula Neto de Faria
apnfaria@gmail.com

RESUMO

A vinculação cultural e estética de comunidades costeiras com o ambiente resulta em paisagens típicas que têm sido desprestigiadas pelo cenário cultural globalizado, evidenciando a necessidade de planejamento voltado à salvaguarda da identidade de grupos locais. Assim, foi aplicado um estudo à uma vila de pescadores de Pelotas, RS, que objetivou compreender as características culturais e estéticas da paisagem local e discutir estratégias de integração da dimensão cultural ao planejamento da paisagem. Para isso, foram empregadas múltiplas abordagens teóricas e metodológicas: análises subjetiva (etnográfica e narrativa) e objetivas (espaciais, cromáticas e tipomorfológicas). Os resultados apontaram para os principais atributos culturais e estéticos da paisagem e a multiplicidade de abordagens permitiu maior amplitude na discussão de diretrizes e estratégias de planejamento, bem como maior adequação destas às especificidades do local.

Palavras-chave: Paisagem Cultural; Planejamento da Paisagem; Estética Ambiental; Morfologia Urbana.

ABSTRACT

Small coastal communities' cultural and aesthetical connection with the environment results in typical landscapes that have been despised by the cultural globalized scenario. This indicates the need for planning strategies oriented to the protection of local groups' identity. Thus a study was applied to a fishing village in Pelotas, RS, aiming to

comprehend the cultural and aesthetical features of the local landscape and to discuss strategies for integrating cultural biases to Landscape Planning. In this way, multiple theoretical and methodological approaches were applied: subjective analysis (ethnographical and narrative ones) and objective (spatial, chromatic and typomorphological ones). The results pointed out the main cultural and aesthetical attributes of the landscape and the multiplicity of approaches allowed a broader discussion about planning guidelines and strategies as well as a better adequacy to the local specificities.

Keywords: Cultural Landscape; Landscape Planning; Environmental Aesthetics; Urban Morphology.

RESUMEN

La conexión cultural y estética de las comunidades costeras con el medio ambiente da como resultado paisajes típicos que han sido desacreditados por la escena cultural globalizada, destacando la necesidad de una planificación dirigida a salvaguardar la identidad de los grupos locales. Por lo tanto, se aplicó un estudio a un pueblo de pescadores en Pelotas, RS, cuyo objetivo era comprender las características culturales y estéticas del paisaje local y discutir estrategias para integrar la dimensión cultural en la planificación del paisaje. Para ello, se utilizaron múltiples enfoques teóricos y metodológicos: análisis subjetivos (etnográficos y narrativos) y objetivos (espaciales, cromáticos y tipomorfológicos). Los resultados señalaron los principales atributos culturales y estéticos del paisaje y la multiplicidad de enfoques permitió un mayor alcance en la discusión de las pautas y estrategias de planificación, así como una mayor adecuación de estos a las especificidades del lugar.

Palabras-clave: Paisaje Cultural; Planificación del Paisaje; Estética Ambiental; Morfología Urbana.

1. INTRODUÇÃO

O planejamento urbano e ambiental, dentro das emergentes tendências conservacionistas e sistêmicas de aproximação do ambiente urbano, vem incorporando novas concepções ao exercício do planejamento da paisagem. Tanto no meio científico quanto nas práticas urbanísticas, novas visões têm sido continuamente desenvolvidas e adotadas, objetivando compreensões integradas da paisagem. Abordar a compatibilização entre resiliência de sistemas ecológicos, ocupação antrópica e desenvolvimento socioeconômico e atuar sobre esses temas de modo cada vez mais qualitativo parecem ser atitudes bastante adotadas. Neste trabalho, contudo, são despendidos esforços no sentido de demonstrar por que devem e como podem ser integradas às variáveis mais tradicionais do planejamento, as tipicidades culturais e estéticas dos assentamentos humanos, que demandam abordagens específicas às características locais da paisagem.

No caso das sociedades vivendo próximas à natureza, dependentes da exploração de um suporte ecológico, as populações são muito sensíveis às feições ambientais que lhes são úteis. A ligação entre o meio natural e a cosmovisão culturalmente constituída moldam as atitudes ambientais e os elementos éticos e estéticos do ambiente social e físico. Na escala do grupo, atitudes e preferências ambientais ficam atreladas à história cultural local, estabelecendo superposições entre cultura e meio ambiente (TUAN, 1980). No contexto brasileiro, os assentamentos costeiros de pequeno porte são retratos dessa lógica, tendendo a se caracterizar pela vinculação cultural das comunidades com o ambiente. Desse fator derivam paisagens urbanas costeiras revestidas de elementos visuais típicos das visões de mundo, das preferências ambientais da população e dos seus saberes-fazer populares.

As noções supramencionadas tem referência às concepções cognitivas em estética ambiental, as quais clamam que os conhecimentos já adquiridos pelo apreciador em relação ao objeto de apreciação são centrais à experiência estética, ou seja, é admitido que determinado conteúdo é apreendido de acordo com ele mesmo e também de acordo com o conhecimento previamente adquirido sobre sua natureza (CARLSON 2009). Dentre as diversas abordagens que incluem essa posição filosófica, interessa à esta discussão aquelas que colocam como centrais à experiência estética ambiental da paisagem recursos cognitivos tais como tradições simbólicas, culturais e históricas e narrativas das populações em seus contextos locais e regionais (idem).

A concepção de paisagem é importante aqui pois está relacionada ao “[...] conjunto de formas que, num dado momento, expressam as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza.” (SANTOS, 2006, p. 66). Mais do que isso, a paisagem cultural tem a ver com os aspectos relacionados à humanização da paisagem que não são meramente físicos, mas que carregam consigo significação histórica e cultural, simbolismos e identidade. A ideia, que foi adotada pelo IPHAN (BRASIL, 2009), busca contemplar referências culturais que antes não eram abarcadas nas ações preservacionistas do patrimônio, incluindo fatores materiais e imateriais, de memória e de identidade dos grupos sociais.

Na atualidade, no entanto, a paisagem tende a ser intermediada por complexidades socioculturais. Em culturas mais abertas e que são mais suscetíveis de serem transformadas, o indivíduo fica impossibilitado de conhecer a totalidade cultural que o cerca. No intercâmbio entre culturas, o jogo da moda e as mídias de massa desempenham o impacto de difundir concorrências com ideias transmitidas nos contextos locais (CLAVAL, 1999), agravando o indesejável paradigma de hegemonia cultural que caracteriza a sociedade contemporânea e denotando condições na contramão da preservação das características típicas das paisagens culturais.

Este trabalho busca incorporar noções e atitudes alternativas a esse quadro, no que toca o planejamento da paisagem, baseando-se em dois objetivos: i) identificar abordagens teóricas e metodológicas que comportem a adequada compreensão das características estéticas e culturais da paisagem e ii) discutir estratégias sobre como essas abordagens podem ser adotadas para o planejamento. Para isso, foi aplicado um estudo à uma vila de pescadores em Pelotas, RS.

2. OBJETO DE ESTUDO

A Colônia de Pescadores Z3 é uma vila de pescadores profissionais artesanais¹ situada na zona rural do município de Pelotas, junto à Laguna dos Patos. A Zona de Pesca 3 do Rio Grande do Sul foi fundada na década de 1920 e tem como vila-sede a Colônia de Pescadores Z3. O núcleo existente hoje é o resultado de um processo histórico de

¹ Pescadores profissionais artesanais são aqueles registrados aos Sindicatos de Pescadores e que realizam as atividades da pesca extrativa de modo artesanal, ou seja, dotados de técnicas tradicionais geracionais (FIGUEIRA, 2009).

ocupação por posseiros, sendo a construção do território físico-espacial e do ambiente cultural condicionados pelas características do ambiente natural de suporte e do sistema socioeconômico da pesca extrativa artesanal.

Na década de sessenta, a posse de terras do núcleo foi regularizada por meio de um acordo entre o proprietário e o Sindicato de Pescadores de Pelotas, ficando definido o território pertencente à comunidade. O tipo de regularização realizada incitou uma conjuntura societal e política, vigente até hoje, em que a administração pública local e o acesso à terra são predominantemente intermediados pelo sindicato, o qual é composto pelos próprios residentes da vila. Desse modo, a organização se dá, em grande parte, através de processos de autogestão e ocupação informal do território.

A comunidade é limitada a noroeste por uma cerca para além da qual se estendem as terras utilizadas para cultura de arroz irrigado e pecuária bovina. A porção de terras que compreende a vila encontra-se em uma zona ambientalmente sensível de interface com a Laguna, carente de possibilidades adequadas de expansão territorial. De acordo com o Zoneamento Geoambiental organizado por Delamare (2017), a quase totalidade do território do núcleo fica sobre, em outras palavras, áreas de dunas fixadas por matas de restinga, banhados e faixas de areia (ver Figura 1).

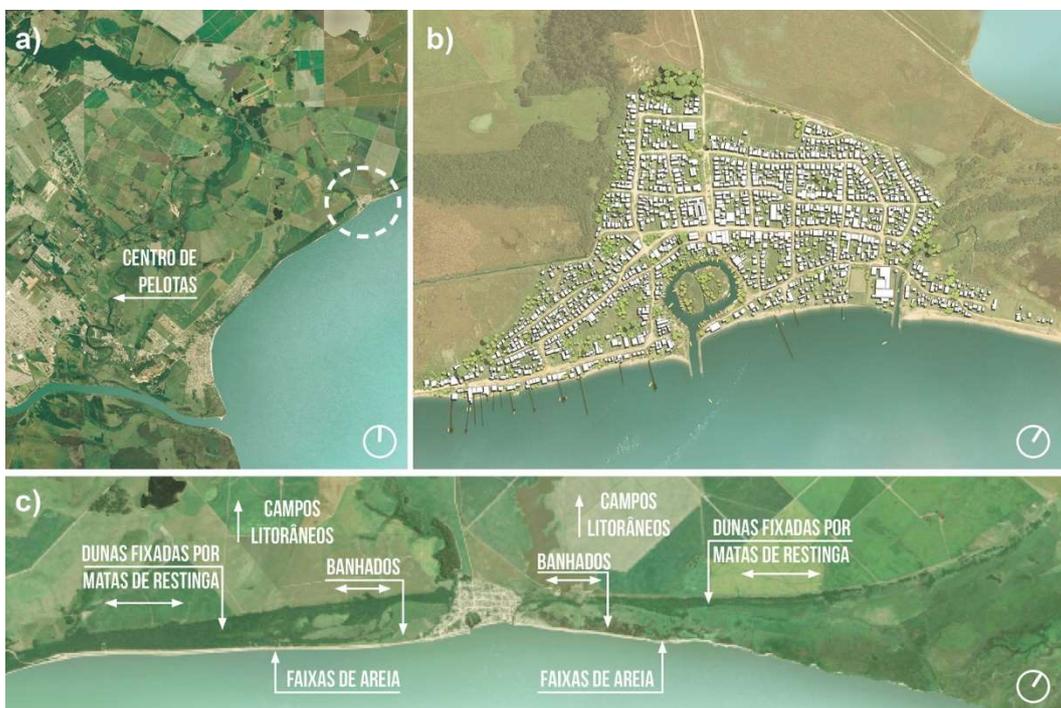


Figura 1. Conjunto de mapas identificando a) a situação da vila em relação ao centro de Pelotas; b) o núcleo urbanizado e c) os ecossistemas contíguos ao núcleo. Fonte: produzidos pelo autor sobre imagem de satélite gerada no software Global Mapper

Como resposta às impossibilidades de expansão da malha urbana, a dinâmica de crescimento do território tem sido pautada pela ocupação cada vez mais densa da área disponível. Além de hostilizar as funções ambientais e a capacidade resiliente dos ecossistemas costeiros, o modo de ocupação da área tem constituído problemas para a qualidade ambiental do próprio núcleo, tais como de saneamento, de alagamentos e enchentes, de redução na largura da faixa de areia e de substituição sistemática de vegetação arbórea nativa por construções. Para além dessas questões, a ausência de áreas apropriadas para a expansão territorial resulta em aspectos como a densificação excessiva e a coabitação familiar consequente do déficit habitacional.

A atividade da pesca extrativa permeia toda a dinâmica econômica da Colônia. A grande maioria da população ocupada se utiliza dela para o seu sustento, seja de forma direta ou por meio do beneficiamento do pescado. Como resultado, a atividade desdobra seus efeitos para o contexto sociocultural, pois mesmo com o surgimento de tecnologias para captura em massa, os pescadores ainda utilizam as técnicas artesanais geracionais, diferenciando seus métodos daqueles da pesca industrial. Merece destaque a questão da divisão do trabalho por gênero no âmbito da pesca artesanal. O homem realiza os trabalhos voltados aos barcos e a pesca, permanecendo, portanto, mais nos espaços junto à orla. A mulher tende a assumir os trabalhos vinculados à limpeza e beneficiamento do pescado, ocupando normalmente os espaços mais próximos ao espaço doméstico. As tradições da cultura local voltadas à atividade pesqueira são refletidas nos saberes-fazeres artesanais, nos costumes, no cotidiano da vila e nos elementos estéticos da paisagem.

Nas últimas duas décadas, contudo, a extração pesqueira artesanal no estuário da Laguna dos Patos vem sofrendo um sério declínio, pois os volumes capturados têm vindo a alcançar valores muito baixos. A necessidade de respeitar os períodos de defeso², a redução dos volumes de peixe entrando na Laguna em decorrência da pesca industrial e de outros problemas ambientais, bem como o próprio crescimento populacional da vila são obstáculos à sustentabilidade do sistema socioeconômico vigente, tornando a implicar no empobrecimento da comunidade.

As crises ambiental, territorial, habitacional e socioeconômica resultam em impactos sobre o ambiente cultural, produzindo, dentre outros aspectos, o desinteresse de parte da população, sobretudo dos mais jovens, pelas práticas tradicionais (FIGUEIRA,

²Período de defeso é aquele em que a atividade da pesca é controlada ou vetada, de acordo com as épocas de reprodução dos organismos aquáticos.

2009) e, conseqüentemente, a desvalorização da cultura local. Isto posto, é entendido que a manutenção e a continuidade dos modos de vida tradicionais e das tipicidades culturais e estéticas da comunidade, frente às situações discutidas, constituem-se como uma necessidade no planejamento territorial. Além disso, entender, respeitar e incorporar esses aspectos no planejamento pode contribuir para salvaguardar a identidade do grupo social assim como a qualidade estética ambiental da paisagem. É nesse campo que este trabalho apresenta sua mais significativa contribuição, pois é temido que seja agravado o desprestígio da identidade e dos valores da paisagem local, em detrimento de modelos culturais outros.

3. METODOLOGIA

A compreensão das características culturais e estéticas da paisagem foi baseada no emprego concomitante de abordagens teóricas e metodológicas advindas de diferentes áreas vinculadas ao planejamento, abordando-se aspectos semânticos e sintáticos, materiais e imateriais, espaciais, cromáticos e tipomorfológicos. Os procedimentos foram executados em dois momentos:

A análise inicial, de caráter subjetivo, baseou-se em imersões sem pré-direcionamento, cujo interesse foi a ativação da capacidade sensível dos aplicadores. O estudo foi operado por meio de etnografia: caminhadas, observação, narrativas e trocas, registradas por meios diversos de representação como mapas, escritas, fotografias, vídeos e desenhos. A reflexão sobre os resultados obtidos revelou uma série de fatores componentes da paisagem cultural local, que podem ser postos como um sistema de atributos interdependentes, a saber: i) saberes-fazeres artesanais, ii) eventos do cotidiano e iii) crenças e imaginário. O conjunto desses atributos converge para caracterizar a ambiência local (ver Figura 2).

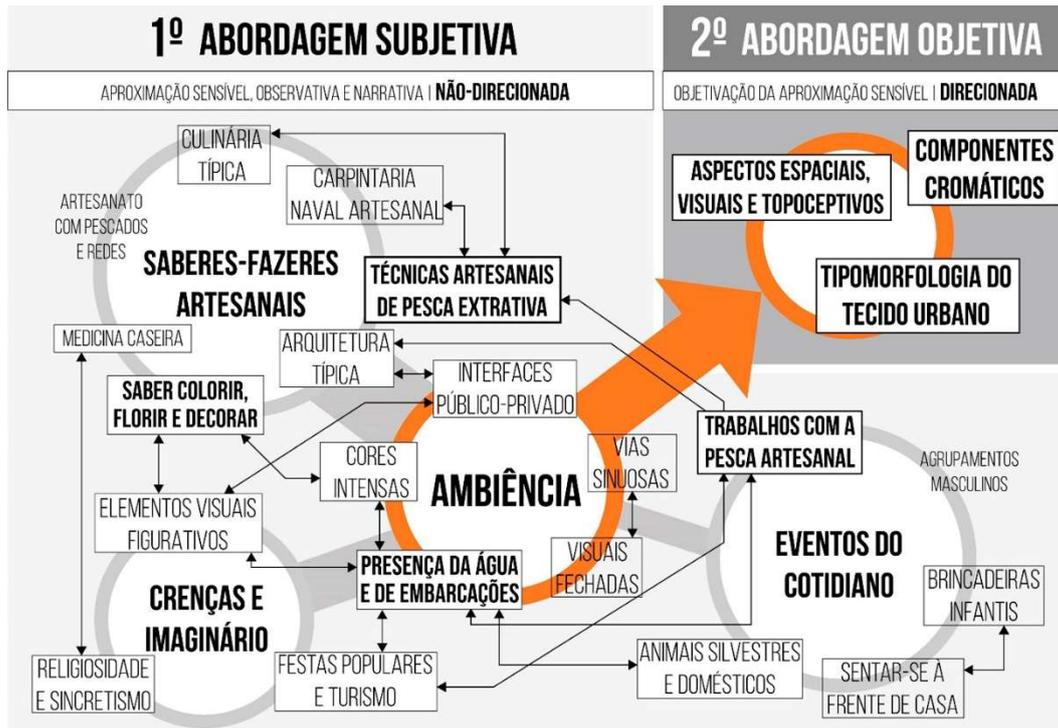


Figura 2. Diagrama indicando a metodologia empregada e a sistematização dos resultados. As setas indicam as relações entre as diferentes características culturais e estéticas da paisagem, evidenciando o caráter de interdependência entre elas. Fonte: os autores

Em um segundo momento, análises referentes à ambiência local puderam ser direcionadas e objetivadas. A organização dessas análises consistiu em três títulos: i) aspectos espaciais, visuais e topoceptivos, ii) componentes cromáticos e iii) tipomorfologia do tecido urbano. Os aspectos teóricos e metodológicos referentes a eles serão explicitados ao longo do texto. O diagrama constante na Figura 2 identifica a metodologia empregada e sistematiza os resultados obtidos.

4. RESULTADOS DA ABORDAGEM SUBJETIVA

4.1. Saberes-fazeres artesanais

O universo simbólico dos saberes-fazeres artesanais na Colônia Z3 (Figura 3) está muito vinculado às técnicas e à instrumentalização da pesca artesanal. São modos tradicionais de compreensão das condições climáticas, da leitura de ondas, marés, ventos e constelações. São consciências geracionais dos traços, cores e sensações particulares ao ambiente, que permitem o exercício da pesca artesanal. Associados a essa intensa vinculação com o meio e os modos de manipulá-lo, aparecem outros aspectos da cultura local como a carpintaria naval, a confecção e o conserto de redes de pesca, o artesanato

feito com restos de pescados e redes, a construção de barcos em miniatura, a culinária típica, a medicina caseira, o gosto pela vida ao ar livre e por cores intensas e o comportamento simples e contemplativo.

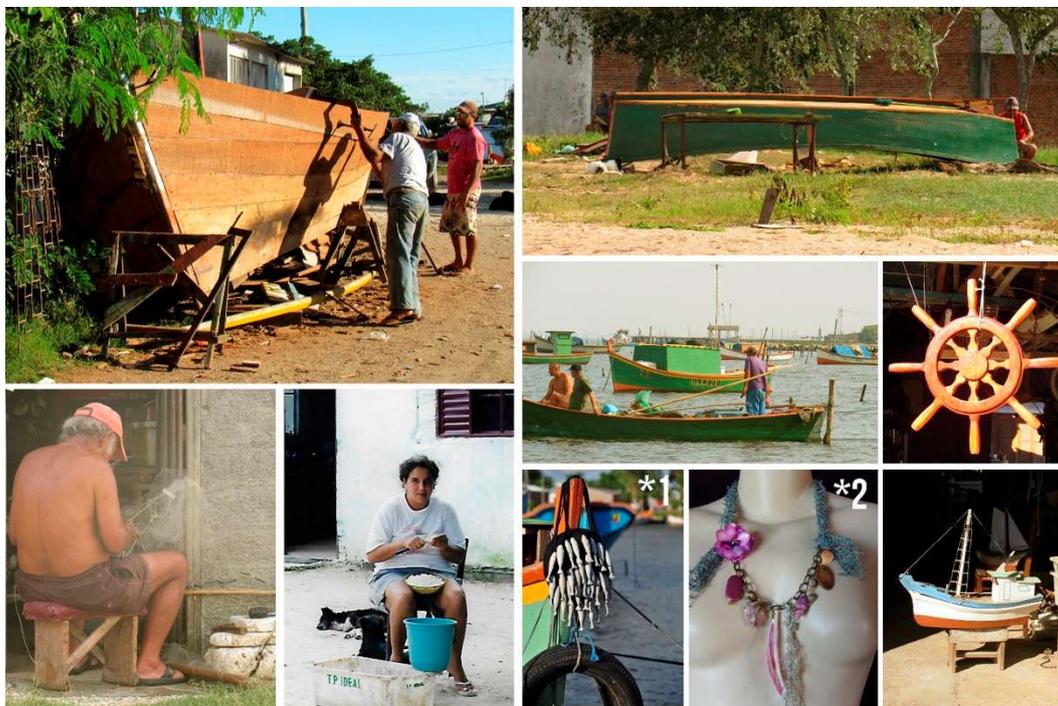


Figura 3. Conjunto de fotografias referentes aos saberes-fazeres artesanais. Fonte: os autores, exceto *1 e *2: Jornal do Laranjal, disponível em: <https://www.facebook.com/jornaldolaranjal/>

O vínculo com o ambiente e com os saberes-fazeres artesanais que define a identidade cultural da população também transparece na própria construção do espaço urbano, definindo uma imagem pública bastante específica (Figura 4). As habilidades de carpintaria são também empregadas na construção das casas e galpões. Para além do emprego de técnicas construtivas em madeira, lembrando a tradicionalidade da construção de embarcações, surgem elementos decorativos como lambrequins, mostrando o orgulho dessa habilidade. Ainda nas construções, é comum o emprego de vitrais coloridos e outras peças relacionadas ao elemento água, retratando peixes, garças, insetos, timões, etc. Muitas das construções apresentam cores intensas, estabelecendo contrastes e nuances inusitados, assim como é feito com os barcos e com as roupas que são estendidas nos varais à frente das casas ou até mesmo junto aos espaços de rua.

Nos espaços que delimitam o público e o privado compõem os pequenos alpendres para abrigar os afazeres cotidianos, a pavimentação do entorno das casas com conchas marinhas, pequenas cercas coloridas e muitos arbustos floridos e flores. Esse saber-florir e esse saber-decorar podem ser identificados nos entornos imediatos das

edificações, em relação aos quais fica aparente o entusiasmo das pessoas em construir os símbolos do lugar. É entendido que estes componentes estéticos, refletidos nas preferências ambientais das pessoas, são fortemente regidos pelos seus saberes-fazer populares.



Figura 4. Conjunto de fotografias referentes aos saberes-fazer artesanais. Fonte: os autores

4.2. Eventos do cotidiano

As subjetividades da paisagem são também caracterizadas pelos eventos do cotidiano da vila e os modos de apropriação do espaço pelos residentes (Figura 5). A comunidade se utiliza dos espaços de rua para a realização de atividades relacionadas à pesca como o conserto e a confecção de redes, a construção de barcos, a limpeza e beneficiamento dos pescados, a secagem do peixe ao sol, dentre outros. No dia-a-dia, são constantemente percebidas aglomerações em rodas de conversa nos barcos, junto ao atracadouro central e à frente das casas, brincadeiras infantis, lazer da população nas vias e junto à lagoa, assim como a presença constante de animais silvestres (associados aos ecossistemas lagunares) e de estimação.



Figura 5. Conjunto de fotografias referentes aos eventos do cotidiano. Fotos: os autores, exceto *1 e *2: disponíveis em <https://www.instagram.com/coloniaz3/>

4.3. Crenças e imaginário

Os eventos do cotidiano da comunidade ganham caráter excepcional e festivo nas tradicionais festas populares, que ocorrem em variadas datas durante o ano, como a Festa do Peixe e do Camarão, o Festival de Cultura da Colônia da Z3, a festa dedicada a São Pedro e a Nossa Sra. de Navegantes. Nessas ocasiões, o universo cultural da Z3 fica exposto a um numeroso aporte de visitantes, que juntamente com a população local integram diversas atividades que incluem procissões terrestres e lacustres. Na maioria dos casos, as festas têm origem nas crenças e no imaginário da comunidade (Figura 6), aos quais também são vinculados motivos visuais típicos: elementos figurativos da religiosidade retratados no catolicismo e nas religiões afro-brasileiras.



Figura 6. Conjunto de fotografias referentes à crenças e imaginário. Fonte: os autores, exceto *1: Ecomuseu da Colônia Z3, disponível em: <http://ecomuseudacoloniaz3.blogspot.com/>

5. RESULTADOS DA ABORDAGEM OBJETIVA

5.1. Aspectos espaciais, visuais e topoceptivos

A morfologia da ocupação urbana da Z3 possui influência da linha de orla e das possibilidades de alterar o ambiente de suporte para a urbanização. O traçado possui certo ordenamento, com as vias mais longas mais ou menos paralelas à orla, se acomodando às restrições naturais do terreno e, onde este favorece a ocupação, observa-se um traçado reticulado irregular.

As vias desenham curvas suaves, principalmente nas bordas do núcleo, definindo visuais fechadas, efeito topoceptivo obtido em diversas posições no espaço urbano. O fundo da perspectiva das ruas é, quase sempre, delimitada pelo segmento de edificações que barram a visualização do horizonte, corroborando para um caráter de direcionamento visual. Além da sinuosidade, outras situações que produzem esses efeitos são: a) os encontros não-ortogonais de vias; b) as irregularidades do tecido urbano, com variações nos recuos e desalinhamentos das testadas dos lotes e das edificações; e c) a variabilidade nas larguras das vias, sendo algumas delas bastante largas e outras permitindo somente o acesso de pedestres e veículos leves (ver Figura 7).

A ausência de pavimentação, a indistinação entre o espaço peatonal e o veicular, assim como o limite tênue entre o espaço público e privado geram um ambiente urbano bastante fluido e orgânico, responsável pela riqueza e variedade das sensações visuais, além de contribuir para uma ambiência pitoresca e bucólica. As ruas sinuosas compostas por curvas não muito fechadas se mostram interessantes, pois os comprimentos máximos das visadas determinam observações de média distância, adaptando o espaço à escala humana (GEHL, 2013).

A modelagem das condições visuais de ambientes urbanos pode ser feita através do conceito de isovista. Uma isovista é uma área do ambiente espacial, visível de uma posição, representada por um polígono delimitado pelas barreiras visuais impostas à referida posição (BENEDIKT, 1979). A partir disso, Turner *et al.* (2001) propuseram um sistema de representação que descreve campos visuais como um sistema relacional, ou seja, o mapeamento resultante define a hierarquia de amplitudes visuais da área analisada, relacionando cada parcela espacial com todas as outras.

Na análise realizada para a Colônia Z3 (Figura 7), notou-se que as vias dotadas de maior visibilidade correspondem às principais, onde mais se concentram as atividades urbanas de caráter coletivo (como o uso institucional e o comercial) e os fluxos mais intensos de pessoas, de veículos em geral, e o escoamento da produção pesqueira da vila. Contudo, observa-se que há a predominância da característica de baixa e média visibilidade nas vias (assinaladas pelas cores do azul ao verde), confirmando e identificando graficamente os aspectos topoceptivos que foram assinalados anteriormente. É nessas vias secundárias, com padrões espaciais específicos, onde se observam com mais frequência as atividades culturais do cotidiano, como a apropriação do espaço para os trabalhos com pescados, as brincadeiras infantis e as rodas de conversa.

Os aspectos espaciais, visuais e topoceptivos acima descritos são o resultado esperado para assentamentos onde prevalece a autogestão e sobre os quais não atuam ordenamentos urbanísticos, como é o caso da Z3. A lógica de auto-organização, bem como os aspectos restritivos do ambiente de suporte, parecem adquirir protagonismo no processo de formação da estrutura espacial urbana. Em sistemas urbanos, o princípio de auto-organização compreende que o modo de organização do espaço urbano estaria substancialmente condicionado por ações e interações descentralizadas do conjunto de agentes internos ao sistema. Os padrões e a ordem emergiriam sobretudo de forma espontânea, com menor envolvimento de ordens impostas por agentes externos ao sistema

local (BATTY, 2013). Essa noção possui uma potencial capacidade descritiva do fenômeno averiguado na Z3, na qual a diferenciação das amplitudes visuais, condicionantes das características estéticas típicas do ambiente urbano e dos modos de apropriação dos usuários, é um atributo inerente à estrutura espacial auto-organizada do assentamento.

Complementando esse raciocínio, assentamentos com tecidos urbanos orgânicos e informais tendem a reproduzir padrões sociais característicos do paradigma de urbanidade delineado por Holanda (2002). Em termos de desempenho socioespacial, urbanidade estaria associada à valores universais mais caros à sociedade democrática como a intensa participação pública e apropriação dos espaços de rua e a livre manifestação e negociação de diferenças (HOLANDA, 2002, p. 130). Segundo o autor, tecidos urbanos com estrutura espacial fortemente irregular, densa, constituída³ tendem a ser bastante utilizados pelas pessoas.

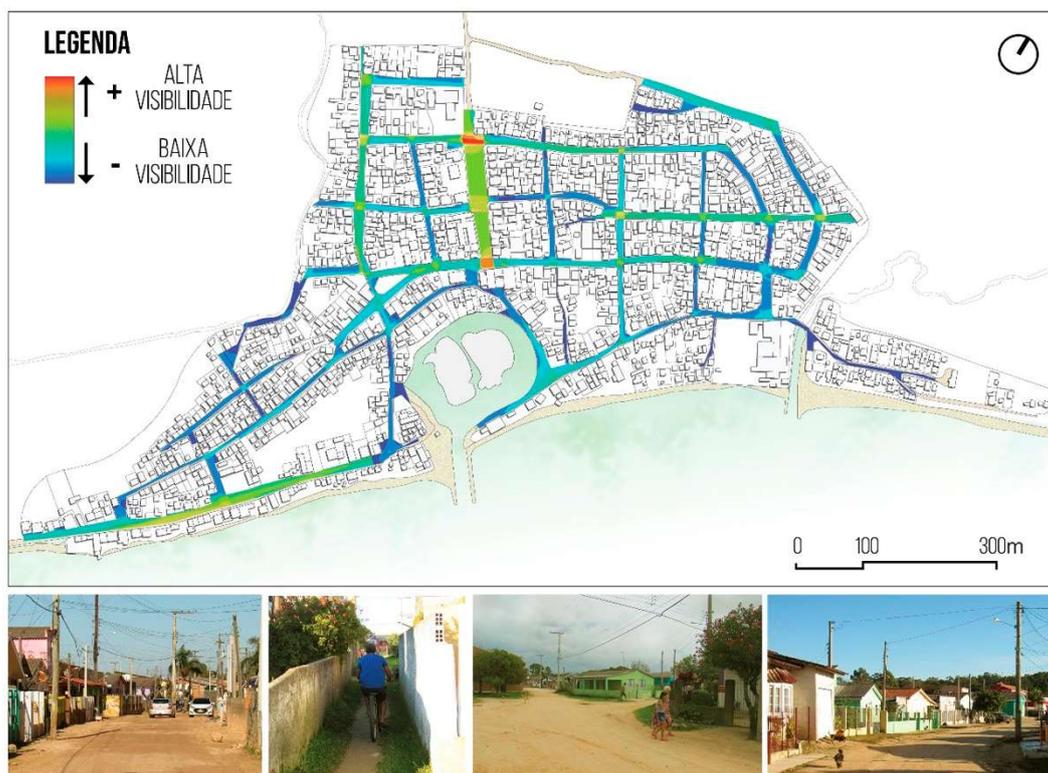


Figura 7. Mapeamento de visibilidade e fotografias de alguns pontos de visualização do espaço urbano. Fonte: simulação realizada no software DepthMapX (VAROUDIS, 2015) pelo autor

³ Espaços urbanos são fortemente constituídos quando dotados de frequentes transições para o espaço fechado (aberturas). Na situação oposta, onde essas transições não comparecem com frequência, tem-se espaços “cegos” (HOLANDA, 2002).

5.2. Componentes cromáticos

A abordagem estética cognitiva da dimensão cromática da paisagem encontra fundamentação no conceito de Geografia da Cor⁴, de Jean-Philippe Lenclos, o qual buscou mostrar que as cores da paisagem urbana são, em grande parte, atributos do espaço geográfico cultural. Lenclos desenvolveu um método para análise cromática que considera elementos antrópicos como integrados ao contexto da paisagem natural contígua. Para um diagnóstico adequado, as análises devem atentar aos conjuntos edificados, bem como aos elementos móveis renováveis da paisagem, como embarcações, jardins domésticos semiprivados e vestuário da população, verificando-se como se comportam visualmente enquanto relacionados harmonicamente ou não à paisagem natural (LANCASTER, 1984; 1996).

A estrutura colorida da paisagem, tal como descrita pelo conceito de policromia, é baseada em três componentes: o conteúdo, que é a palheta de cores; a estruturação, que é definida como o modo de distribuição das cores na paisagem, como nos planos das fachadas das edificações, por exemplo; e a dinâmica, que compreende as mudanças do conteúdo e da estruturação ao longo do espaço e do tempo (NAOUMOVA, *et al.*, 2000). O ponto de partida para a caracterização do conteúdo cromático pode ser baseado na descrição dos diferentes elementos da paisagem dentro das dimensões cromáticas de matiz (azul, verde, laranja, etc.), luminosidade (claríssimo, claro, médio e escuro) e intensidade (acinzentado, médio, intenso) (NAOUMOVA, 2009).

Além disso, é entendido que os níveis de percepção e assimilação das cores são relativizados pelas distâncias de observação (LANCASTER, 1984, p. 21). Portanto, análises devem ser aplicadas em separado para o contexto geral – dos conjuntos de grandes elementos, como as edificações e suas cores principais – e para o contexto pontual – da pintura de esquadrias e da coloração de pequenas flores, por exemplo (NAOUMOVA, *et al.*, 2000).

A análise cromática da paisagem costeira da Colônia Z3 detectou que a mesma apresenta curiosos padrões de emprego de cores caracterizados sobretudo pelos contrastes cromáticos entre os elementos das paisagens natural e urbana. O emprego de cores intensas nos barcos – definido pela necessidade de estabelecer contraste com o ambiente

⁴ O trabalho de Lenclos ao redor do mundo, acerca do conceito de Geografia da Cor, está organizado em diversas publicações da década de oitenta em diante.

natural e, assim garantir a fácil visualização desses elementos na laguna e no mar – parece definir o gosto e a concepção estética dos moradores. A pintura das fachadas das edificações e os costumes de decorá-las com elementos coloridos e de florir os pátios parecem seguir essa tendência, assim como a instalação de varais com roupas junto aos espaços de rua. Essas situações são responsáveis pela característica pictórica da ambiência local, a qual reflete as preferências dos moradores (ver figuras 3, 4, 5 e 8).

Quanto ao conteúdo cromático geral dos elementos antrópicos da paisagem (Figura 8), observou-se que as matizes dominantes nas embarcações são laranja, ciano, azul, verde e amarelo, em gamas relativamente vastas, geralmente nas suas formas mais intensas e acompanhadas da matiz branca em diferentes tons devido à sujeira. O laranja do zalcão é recorrente na quase totalidade das embarcações, já que os interiores são pintados em tal cor. As composições cromáticas que incluem embarcações são interessantes pois estão presentes não só nos locais onde há a presença de água, mas também nos espaços urbanos, onde os moradores as guardam em seus pátios, à frente das casas e nas vias.

O levantamento lote-a-lote aplicado às edificações, aponta como matizes dominantes azul, verde, ciano, salmão, amarelo e laranja, em gamas extremamente vastas, por vezes acompanhadas do branco, e com a presença de quase todas as variações de intensidade e luminosidade, porém com predomínio de cores claras, médias e intensas. A estruturação cromática nos planos das fachadas das edificações é composta, em sua maioria, de duas a quatro cores, tendo sido observadas quatro tendências principais (Figura 8): a) esquadrias, detalhes e ornamentos claríssimos sobre parede-fundo intensa; b) esquadrias, detalhes e ornamentos intensos ou escuros sobre parede-fundo claríssima; c) esquadrias escuras, detalhes e ornamentos claríssimos e parede-fundo intensa; d) esquadrias intensas, escuras ou claríssimas, detalhes e ornamentos em cor intensa e parede-funda em outra cor intensa.

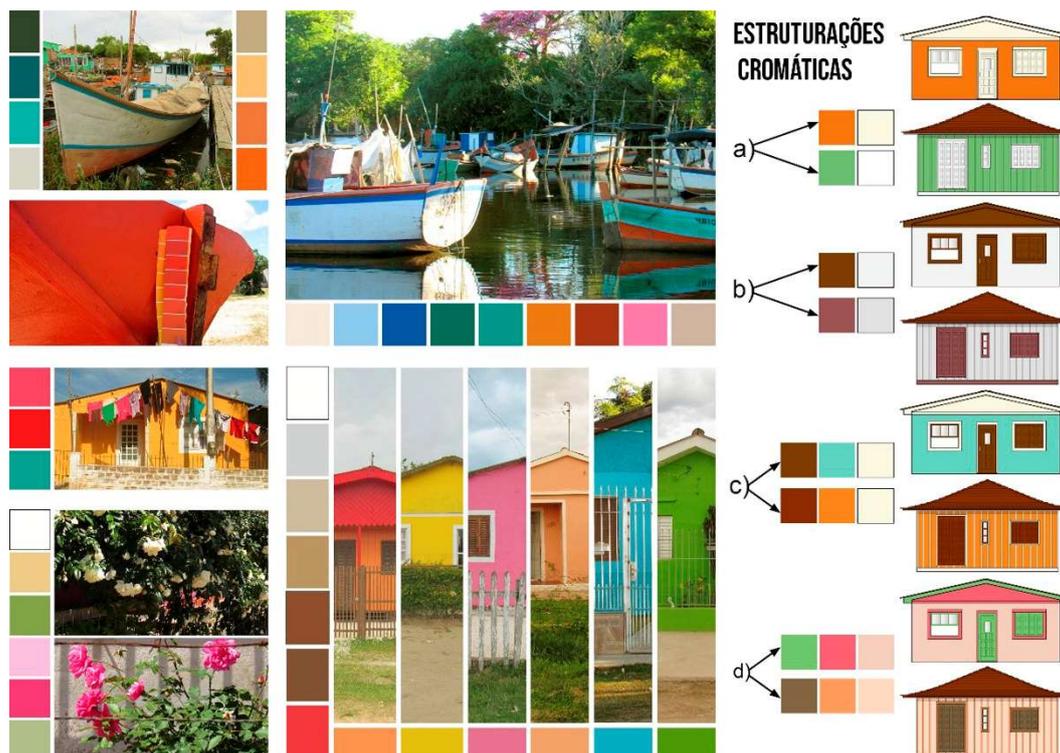


Figura 8. Esquerda: conjunto de fotografias e paletas cromáticas dos elementos antrópicos da paisagem. Direita: quatro principais estruturas cromáticas averiguadas (a-d). Fonte: o autor

No centro urbano do assentamento, onde parece haver mais edificações comerciais – que tendem a ser pintadas em cores de extrema intensidade – e maior investimento na decoração das casas, a palheta cromática preponderante é de médio a alto contraste, com cores fortes associadas ou não ao uso do branco. Já na zona de orla e periféricas, onde predominam os galpões e outras edificações de apoio à atividade da pesca, a presença de cores assume comportamento distinto, prevalecendo os tons dos materiais construtivos: os cinzas e marrons da madeira e a gama vasta de laranjas e marrons da alvenaria sem revestimento. Nestas áreas a palheta cromática de características contrastantes fica restrita às embarcações e ao vestuário.

Quanto aos componentes antrópicos móveis e sazonais, os registros fotográficos das peças de vestuário da população apontam para a dominância dos matizes rosa, verde, azul, vermelho e branco. Nas flores plantadas, ficaram identificados como matizes dominantes: rosa, vermelho, amarelo, branco e violeta, geralmente em gamas intensas.

Concluiu-se que o tipo de relação preferida pela população entre os conteúdos cromáticos dos elementos antrópicos e naturais é, em geral, de médio a alto contraste. Ademais, essa preferência comparece das embarcações, passando pelas edificações e seus jardins, até o vestuário.

5.3. Tipomorfologia do tecido urbano

A tipologia é um procedimento classificatório e simplificador de conjuntos de objetos díspares. O tipo é uma abstração dos elementos da paisagem representados por um grupo de características comuns a todos os componentes de cada tipo. Uma análise tipomorfológica aplicada a um grupo de objetos da estrutura urbana (edificações, vias, quadras, etc.) pode diagnosticar uma parcela da identidade estética de um núcleo urbano, além de determinar, a partir da espacialização dos diferentes tipos, os padrões de regularidade ou irregularidade dos quais o tecido urbano dispõe (SCHWALBACH, 2009; KRAFTA, 2014).

A análise tipomorfológica do tecido urbano aplicada à Colônia Z3 foi realizada em duas fases. Na primeira, as construções foram separadas em tipos e subtipos de acordo com as suas volumetrias. A Figura 9 sintetiza a análise, indicando os padrões de regularidade e irregularidade tipomorfológicas a partir de um gráfico percentual de averiguação de tipos e subtipos, bem como a espacialização dos mesmos no mapa. Todas as edificações visíveis que mantêm interfaces com as vias públicas foram identificadas e agrupadas em 10 subtipos, representando variações de 4 tipos principais, de acordo com suas características comuns.

O tipo 01, correspondente às edificações térreas com telhados em duas águas com frontão paralelo à testada do lote, representa mais da metade dos exemplares levantados. Já o tipo 02 é referente às edificações térreas com telhados em duas ou quatro águas, sem frontão direcionado à testada do lote. Os tipos 01 e 02 possuem características de escala e inserção nos lotes bastante parecidos e correspondem à quase 80% do total levantado. Por serem, em maioria, edificações residenciais ou de pequenos comércios, averígua-se maiores cuidados com a adoção de decorações, cores, limpeza e manutenção. O tipo 03, das edificações com dois ou três pavimentos, corresponde a 3,27% do total levantado, representando descaracterizações na paisagem em termos de escala.

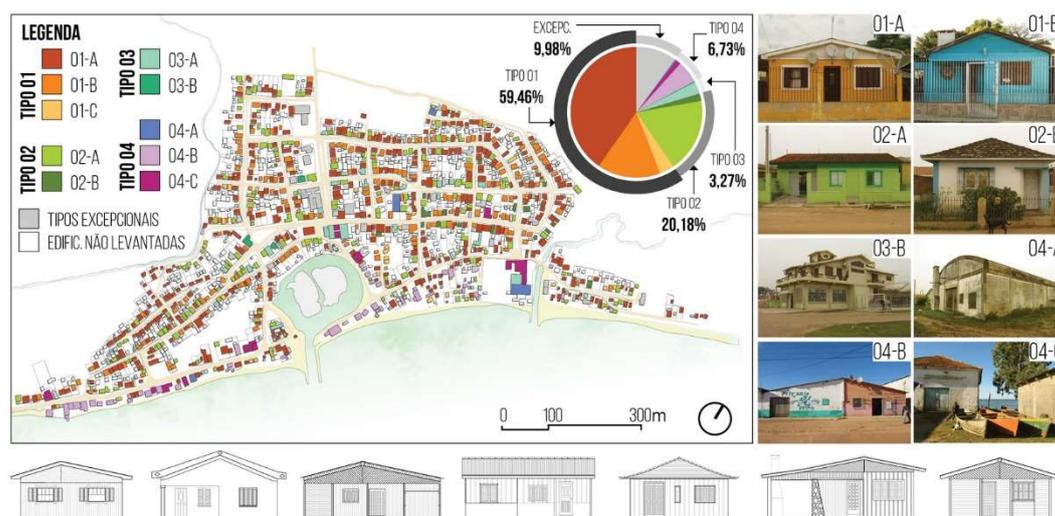


Figura 9. Síntese da primeira fase da análise tipomorfológica. O gráfico tipo pizza da extremidade superior e o mapa temático apontam os padrões de regularidade ou irregularidade. A direita, fotografias identificando alguns dos subtipos. Abaixo, alguns dos desenhos feitos na segunda fase. Fonte: o autor

O tipo 04, embora não tenha grande destaque absoluto (6,73%), se caracteriza pela regularidade na sua distribuição espacial, dominando a zona de orla. Trata-se de galpões, peixarias e estaleiros, edificações com variações de altura, de acordo com as necessidades de armazenamento de materiais e embarcações. Observa-se maior rusticidade das fachadas e menor cuidado quanto à decoração, limpeza e manutenção. Em muitos casos, são observadas técnicas artesanais de trabalhos em madeira nessas construções. As edificações junto à orla têm a característica de serem implantadas no espaço sem demarcações de limites de lotes, permitindo o acesso físico e visual à lagoa em diversos pontos.

A dominância de edificações dos tipos 01 e 02 conduz à segunda fase da análise, na qual são aplicadas à estas um olhar mais detalhado sobre outros atributos do tecido urbano que não somente as características volumétricas gerais das edificações. Os atributos analisados foram os seguintes: sistema construtivo, tipo de textura da fachada, implantação no lote, tipo de fechamento da testada do lote, esquadrias (tamanho, configuração, proporção e materiais), inclinação dos telhados, descrição de detalhes, ornamentos e presença de motivos decorativos típicos. Para a realização dessa fase da análise, aplicada à uma amostra de 40 exemplares de edificações dos tipos 01 e 02, foram feitos também os desenhos das fachadas das edificações (ver Figura 9). Os resultados quantitativos da análise estão organizados na Figura 10.

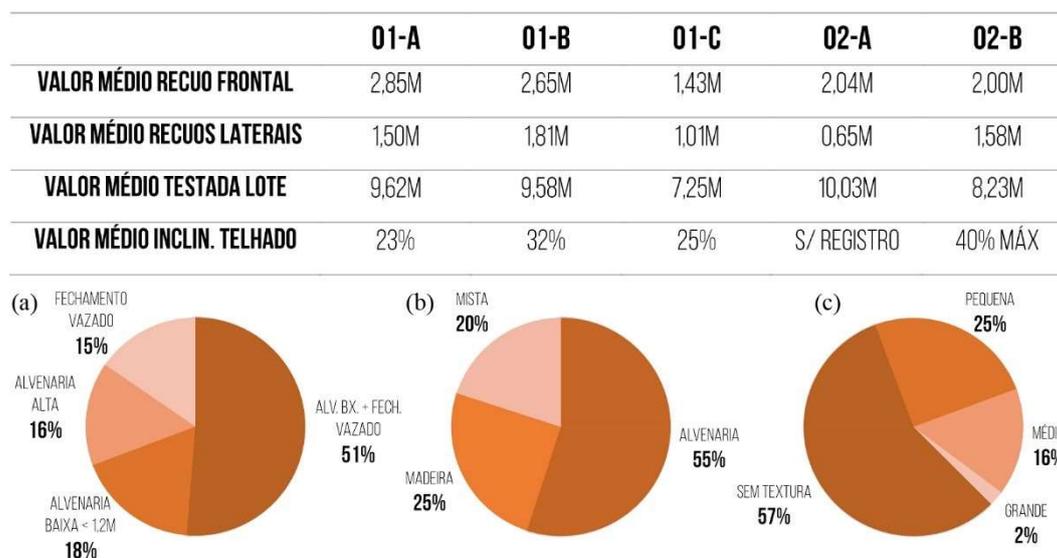


Figura 10. Tabela: valores médios dos atributos (coluna à esquerda) para cada subtipo (linha superior). Gráficos: a) recorrência de tipos de fechamento das testadas dos lotes; b) recorrência de sistemas construtivos; c) recorrência de tipos de textura das fachadas. Fonte: o autor

A seguir, são apresentadas algumas observações sobre os resultados da segunda fase da análise:

a) Implantação no lote e fechamento das testadas: a quase totalidade dos exemplares tem implantação isolada no lote e os recuos são, em sua maioria, pequenos. Existe uma relação das dimensões dos recuos com o costume do plantio de flores, o ato de estender as roupas à frente e a pavimentação com conchas marinhas. Esses fatores ficam aliados às tendências de fechamento das testadas que são em alvenaria baixa ou fechamento vazado (ou os dois juntos), permitindo a visualização das fachadas e desses elementos secundários da composição paisagística.

b) Sistemas construtivos, texturas e revestimentos: predomínio de alvenaria e madeira, sendo que no caso de sistemas construtivos em madeira, aparecem mais detalhes construtivos artesanais. Os revestimentos dominantes são pintura sobre alvenaria ou madeira, havendo também, em menor recorrência, uso de azulejos cerâmicos e pedra irregular. Predominam a ausência de textura ou os tipos de textura pequena e média.

c) Coberturas: todas as edificações levantadas possuíam telhados aparentes e suas inclinações foram consideradas de média a alta declividade, variando entre 18 e 50%.

d) Fenestração das fachadas: as esquadrias são geralmente pequenas ou médias; a configuração varia muito, mas é composta de dois ou três elementos, sendo as janelas quase sempre de proporção horizontal. Abrigos para veículos são geralmente em alpendres laterais e portões de garagem não são recorrentes. Portas principais de acesso

tendem a ser de uma folha, havendo, em alguns casos, o uso de porta-janela, sendo recorrentes o posicionamento delas na fachada principal ou laterais. Esses resultados sugerem que o assentamento dispõe de espaços abertos públicos bastante constituídos, corroborando para a característica de urbanidade anteriormente discutida.

e) Detalhes e ornamentos: são recorrentes os detalhes em madeira com encaixes tipo macho-e-fêmea ou mata-junta em diferentes angulações. Existe a tendência em atribuir destaque aos frontões da cobertura com lambrequins, trocas de colorações e com separação entre o plano das paredes e o dos frontões por meio de saliências ou reentrâncias. É dominante também a adoção de fechamentos das testadas com cercados de madeira com as pontas chanfradas.

A análise permitiu identificar os principais atributos do conjunto arquitetônico e paisagístico. Notou-se no processo de levantamento que essas atitudes e particularidades estéticas vêm desaparecendo e sendo substituídas por modelos comumente observados em outras localidades, constituindo-se como prejuízo para a especificidade da ambiência local e da identidade do grupo.

6. PLANEJAMENTO CULTURAL E ESTÉTICO DA PAISAGEM

Planejar a paisagem urbana costeira com olhares para a dimensão cultural implica, por um lado, em prever estratégias que permitam que características típicas e tradicionais preferidas sejam preservadas, tanto os elementos materiais e imateriais estéticos e culturais, quanto as relações socioculturais inerentes à paisagem. Por outro lado, é essencial que esses atributos sejam compatibilizados a aspectos ecológicos e socioeconômicos, por exemplo, evitando atitudes que se contradizem. Assim, a partir dos resultados referentes às diferentes frentes teóricas abordadas na compreensão das características culturais e estéticas da paisagem, foi possível a delimitação de estratégias de planejamento cultural e estético na Colônia de Pescadores Z3:

i) Prestígio dos valores da paisagem e alternativas socioeconômicas: a manutenção das atividades que constituem prestígio aos saberes-fazer, aos eventos do cotidiano da vila, às crenças e imaginário e aos atributos da ambiência local são potenciais alternativas à descaracterização da paisagem urbana costeira. Uma estratégia interessante é a própria busca pelo reforço e qualificação da imagem pública e capacidade turística do núcleo como uma alternativa para o incremento de receita à população, bem como o

fomento às festas populares, ao turismo ecológico, cultural e gastronômico e ao artesanato. Além disso, a introdução de novos modelos produtivos ao contexto da comunidade devem ser culturalmente adequados ao seu caráter. Foram identificados como atividades que se enquadram nessa premissa a piscicultura, a carcinicultura e a agricultura urbana.

ii) Planejamento cromático: o planejamento cromático, através da criação de palhetas gerais e pontuais para a escolha da população e para as diferentes zonas urbanas, é uma estratégia de salvaguarda do saber-colorir a paisagem e de incentivo ao emprego do conteúdo e de estruturas cromáticas tradicionais; também pode atuar no controle e melhoramento da qualidade estética ambiental, orientando combinações e efeitos interessantes e que estabeleçam harmonia entre as cores empregadas e em relação às da paisagem natural.

iii) Referência à natureza de autogestão: a cultura e a estética da paisagem local são originadas de modo informal e espontâneo. A delimitação de ordenamentos urbanísticos deve alcançar certa permissividade para com essa particularidade, focalizando menos em restrições e mais no condicionamento de atitudes e escolhas para um leque variado de possibilidades que resguardem a identidade do grupo local e que respeitem a sua dinâmica de transformação. As estratégias apresentadas evidenciam que, para que fossem implementadas, haveria a necessidade de aproximações não-deterministas, bem como ampla coordenação e cooperação entre os diferentes atores como o poder público, proprietário de terras, sindicato e moradores da vila.

iv) Expansão territorial: o assentamento enfrenta uma iminente necessidade no planejamento territorial. As emergências socioambientais e habitacionais enfrentadas e a valorização da paisagem cultural e do estado em que se encontra são recursos de argumentação para investimentos que viabilizem uma expansão. Tendo em vista a referida necessidade, e à luz dos fenômenos de auto-organização e urbanidade observados no local, se mostra importante uma atenção aos padrões socioespaciais e topoceptivos oferecidos pelo traçado do núcleo existente como um recurso para o resgate da identidade estética e sociocultural do assentamento na ocasião da previsão de uma expansão territorial da malha urbana. Além disso, deve-se considerar o ordenamento de uso do solo em conjunto com os eventos culturais do cotidiano, visando separar esses últimos dos caminhos de fluxo de tráfego viário de transporte público e de escoamento de produções, definidos pela localização das atividades urbanas que as edificações comportam. Destaca-

se também que propostas de pavimentação e desenho das vias devem ser muito criteriosas, tanto do ponto de vista ecológico, quanto em relação à identidade e à estética da paisagem, já que é na informalidade que acontecem os eventos culturais do cotidiano e a apropriação democrática do espaço, bem como a reprodução da ambiência local, evidenciada na materialidade das vias e nas tipicidades paisagísticas e decorativas das áreas semiprivadas.

v) **Diretrizes para o parcelamento do solo:** atuar sobre o parcelamento do solo possibilita a conservação de características estéticas e culturais da paisagem. A análise tipomorfológica do tecido urbano oportuniza a concepção de mecanismos de controle urbanístico como a definição de a) zoneamentos para o uso do solo; b) dimensionamento de lotes; c) ordenamento adequado para altura e escala das edificações; d) regulamentação do tipo de implantação das edificações no lote e e) restrições à demarcação de lotes junto à lagoa, deixando as passagens de acesso à faixa de areia. Essas medidas poderiam condicionar futuras decisões dos moradores e, portanto, viabilizar o resguardo de particularidades do conjunto arquitetônico e paisagístico existente, além de qualificar a zona de orla.

vi) **Guias recomendatórias:** podem ser elaboradas guias ilustradas de apreciação e recomendação para a população. Essa medida pode conter indicações para o reconhecimento público e o prestígio dos valores culturais da paisagem, constituindo-se como uma resposta prática ao item i. Ademais, as recomendações podem complementar as diretrizes de caráter compulsório, englobando indicações acerca da construção de edificações e do tratamento dos espaços privados e semiprivados, com referência aos demais aspectos levantados nas análises: a) volumetrias; b) tipos de coberturas; c) sistemas construtivos; d) tipo e escala de texturas; e) esquemas de fenestração das fachadas; f) tipos de fechamento das testadas dos lotes e g) tendências de emprego de cores nos elementos imóveis, móveis, renováveis e sazonais.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O olhar sensível sobre a paisagem pode indicar componentes que compelem superações à adoção convencional de métodos de análise urbana. O emprego concomitante de múltiplas abordagens, incitado pelas e acomodado às especificidades dos contextos locais, no entanto, pode comportar uma compreensão mais íntegra e adequada

das características culturais e estéticas da paisagem. Além disso, é um recurso potencial para a delimitação de diretrizes e estratégias que se mostram mais amplamente condizentes com o caráter local dos assentamentos.

É imperativo tratar dessa discussão, no âmbito do planejamento da paisagem, como uma temática emergente no quadro atual de globalização e padronização cultural. É desejado que este estudo possa servir como objeto de reflexão para profissionais e pesquisadores com relação à introdução de abordagens específicas que contemplem os contextos culturais e estéticos locais tanto da paisagem em geral, quanto da paisagem costeira nos seus exercícios de planejamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATTY, M. **The New Science of Cities**. Cambridge: MIT Press, 2013.

BENEDIKT, M. To Take Hold of Space: Isovists and Isovist Fields. **Environment and Planning B**, v.6, p. 47-65, 1979.

BRASIL. Portaria nº 127, de 30 de abril de 2009. **Estabelece a Chancela da Paisagem Cultural**. Diário Oficial da União, 5 maio 2009. Seção 1, p. 17.

CARLSON, A. **Nature & Landscape. An introduction to Environmental Aesthetics**. New York. Columbia University Press, 2009.

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

DELAMARE, T. O. **Zoneamento Geoambiental da Colônia Z3 - 2º distrito de Pelotas (RS)**. 2017. 127 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

FIGUEIRA, M. C. **Colônia de Pescadores Z3, Pelotas – RS: da crise na pesca à expansão do turismo com base no patrimônio cultural**. 2009. 157p. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Instituto de Ciência Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2009.

GEHL, J. **Cidades para pessoas**. São Paulo, Perspectiva, 2013.

HOLANDA, F. **O espaço de Exceção**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

KRAFTA, R. C. **Notas de aula de Morfologia Urbana**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2014.

LANCASTER, M. **Britain in View: Colour and the Landscape**. London: Quiller Press, 1984.

LANCASTER, M. **Colourscape**. London: Academy Editions, 1996.

NAOUMOVA, N.; FARIA, A. P. N.; LAUFFER, V. F. O uso da cor em projetos paisagísticos. **Projectare**. Pelotas: UFPel, n. 1, p. 59-67, 2000.

NAOUMOVA, N. **Qualidade estética e policromia de centros históricos**. 2009. 449p. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4 ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

SCHWALBACH, G. **Basics Urban Analysis**. Berlim: Birkhäuser, 2009.

TUAN, Y. **Topofilia. Um estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1980.

TURNER, A.; DOXA, M.; O'SULLIVAN, D.; PENN, A. From isovists to visibility graphs: a methodology for the analysis of architectural space. **Environment and Planning B: Planning and Design**, v. 28, p. 103-21, 2001.

VAROUDIS, T. **DepthmapX 0.5: Multi-platform spatial network analysis software**. Software. 2015.